

Projecto de Desenvolvimento Pessoal: uma Perspectiva Curricular Inovadora na Formação de Enfermagem

Manuel Rodrigues *



A Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca, ao longo de 120 anos de actividade científica e pedagógica, tem experimentando diversos modelos de desenvolvimento curricular, procurando acompanhar sempre as políticas educativas e as sucessivas mudanças nas estratégias de formação de profissionais de enfermagem.

Em 1999 iniciou-se uma nova etapa com o Plano de Estudos da Licenciatura em Enfermagem. Entre o corpo de diferentes disciplinas, encontra-se a Unidade de Projecto de Desenvolvimento Pessoal. Representa uma experiência curricular que envolve uma forma diferente de Professores e Estudantes se situarem no processo de ensino-aprendizagem. Como condição integradora, implica o contributo transversal de saberes de diferentes disciplinas em cada ano e a definição dum compromisso de continuidade durante todo o curso.

No presente artigo, o autor explica os pressupostos que fundamentam a Unidade Curricular, o Programa e os Processos Pedagógicos e Didácticos. Estamos já no 3º ano com esta nova experiência e, com base no material pertinente que resulta da aplicação prática pensamos obter resultados pertinentes de valor científico, que por certo poderão contribuir para uma futura avaliação curricular.

Embora a responsabilidade deste trabalho seja do autor, que fundamentou e estruturou a Unidade Curricular, o texto integra três contribuições específicas de outros três professores**, na secção sobre o Portfólio no contexto do Projecto de Desenvolvimento Pessoal e na secção referente à Assessoria Pedagógica.

A metodologia de Projecto de Desenvolvimento Pessoal só é viável, com um grande espírito de colaboração entre professores de diferentes áreas do saber. Vinte e quatro Professores estão ou já estiveram directamente envolvidos na Assessoria de alunos, no entanto, de forma indirecta, outros professores deram também contribuições aos estudantes quando estes os interrogaram nas suas áreas de saber.

A Assessoria Pedagógica é o coração do Projecto e implica uma grande disponibilidade pessoal dos Professores, bem como uma forma diferente de estar e agir na relação com o Estudante.

Nota Introdutória

A Unidade Curricular: Projecto de Desenvolvimento Pessoal integra o Plano de Estudos da Licenciatura

* Professor Coordenador da Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca; Responsável pela estruturação, fundamentação e desenvolvimento da Unidade Curricular "Projecto de Desenvolvimento Pessoal".

** Ana Albuquerque; Fernanda Guerra e Cândida Maria Magalhães Portelinha.

em Enfermagem, na Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca, desde Outubro de 1999.

Com este trabalho de síntese, procuramos descrever as principais linhas de orientação metodológica, bem como métodos e instrumentos didácticos, necessários à implementação da unidade curricular.

Na primeira parte do texto apresenta-se o desenho da unidade curricular, que prevê um desenvolvimento de natureza transversal e sequencial ao longo dos quatro anos de curso. Resume-se os principais contributos científicos que fundamentam o programa e permitiram a concepção do modelo aplicado à formação de enfermeiros. Numa perspectiva do desenvolvimento pessoal de pessoas que cuidarão de outras pessoas, importa envolver o estudante na construção de saberes e desenvolvimento de competências de decisão e autodirecção. Neste processo construtivo, os diferentes pilares educativos de conhecer, ser, estar, relacionar-se, são entendidos como condição de desenvolvimento pessoal efectivo, no sentido da promoção da capacidade de reflexão crítica e de aprendizagem experiencial. Pretende-se que o primeiro ano seja um espaço/tempo de desconstrução / construção, criando condições para a emergência do desejo de “estar em projecto” e de uma atitude mais produtiva que reprodutiva no processo de aprendizagem. Só a partir do segundo ano se prevê uma tomada de decisão por uma área de interesse, orientada para um desenvolvimento temporal de três anos.

O desenvolvimento metodológico implica o cumprimento dum contrato pedagógico, com compromissos a cumprir e a serem validados pelo professor assessor pedagógico ao longo do percurso. Um conjunto de instrumentos técnico-educativos, ajudam a operacionalizar a acção educativa, como seja: guias de orientação, estruturas de planificação, grelhas de registo.

Na segunda parte do texto, apresenta-se o programa desta mesma unidade, com as necessárias adaptações para os Cursos de Complemento de Formação e Ano Complementar de Formação. Neste caso, o Projecto desenvolve-se apenas durante um ano lectivo e conta com o saber que emerge do percurso de vida e da diversidade das experiências profissionais dos enfermeiros. Embora os modelos curriculares sejam estruturalmente diferentes aos vários níveis de formação, a estrutura básica que os fundamenta apresenta pontos comuns:

- O processo pedagógico desenvolve-se em duas fases fundamentais (Análise Reflexiva e Desenvolvimento Experiencial).
- Como elemento de prova e materialização das capacidades de síntese e de crítica reflexiva e criativa, ao longo do Projecto, os estudantes organizam o seu próprio Portfólio, que periodicamente é partilhado com o professor assessor pedagógico. Ao longo do Projecto, devem criar-se oportunidades para partilha, entre colegas, dos aspectos significativos, resultantes do percurso experiencial.

A terceira parte do texto descreve a função do “Portfólio” ou “Porta Progresso”, no contexto da unidade de projecto, enquanto instrumento de prova do envolvimento do estudante e de demonstração de competências de organização pessoal e criatividade.

Na quarta parte, analisa-se a função da “Assessoria Pedagógica”, como processo regulador do percurso do estudante, onde o professor desempenha um papel de incentivo, apoio e validação.

1. Unidade curricular: Projecto de Desenvolvimento Pessoal. Licenciatura em Enfermagem

O Projecto de Desenvolvimento Pessoal é uma unidade curricular que integra o curriculum escolar da Licenciatura em Enfermagem ao longo dos 4 anos de curso, de acordo com condições específicas:

a) condição integradora:

- articulação sequencial: estabelecendo um compromisso de continuidade.
- articulação transversal: visando a integração de contributos de diferentes disciplinas em cada ano.

b) condição reguladora: experiências assessoradas e qualitativamente validadas.

1.1. Programa da Unidade Curricular

1^a ANO - 100 horas teórico-práticas e práticas

a) *Análise Reflexiva*

As sessões de trabalho são exclusivamente teórico-práticas. O contexto de trabalho em sala de aulas deve ser activo, promovendo exercícios reflexivos, integrando o tempo individual e o relacional e abrangendo quatro eixos fundamentais, de forma a colocar a pessoa e a vida no centro da reflexão:

- O corpo como instrumento relacional e terapêutico.
- Quadro de valores e sua génese.
- Estilos pessoais de ser e aprender.
- Estratégias comunicacionais.

b) *Desenvolvimento Experiencial*

- Selecção de *área de interesse experiencial*.
- Elaboração de *Projecto Experiencial*.
- Desenvolvimento dum *Percurso Experiencial* em contexto prático.
- *Relato Experiencial* escrito.
- Interexperienciação. *Partilha* em grupo dos projectos e percursos experienciais.

• Portfólio (*integra*: sínteses compreensivas; relatos experienciais; diferentes provas sobre a forma de imagem e texto).

2^o ANO - 45 horas teórico-práticas e práticas

a) *Análise Reflexiva*:

- Selecção duma Área de Interesse Experiencial. A selecção tem em conta a decisão reflectida sobre o trabalho experiencial inicial do 1^o ano.
- Fundamentação científica de Área de Interesse seleccionada.

b) *Desenvolvimento Experiencial*:

- Elaborar um Projecto Experiencial, antecipando um planeamento prospectivo previsível, para um horizonte temporal de 3 anos.

– Momento I de implementação em contexto prático, do projecto experiencial.

• Portfólio (Porta Progresso do percurso reflexivo e experiencial referente ao 2^o ano)

3^o ANO - 30 horas teórico-práticas e práticas

– Momento II de envolvimento efectivo na implementação prática do Projecto Experiencial (contributos do ensino clínico).

• Portfólio (Porta Progresso do percurso reflexivo e experiencial do 3^o ano).

4^o ANO - 80 horas teórico-práticas e práticas

– Momento III de percurso prático em Projecto Experiencial.

– Relatório do Projecto Experiencial e organização do Portfólio.

– Análise retrospectiva. Metaportfólio.

– Fórum de Projectos.

1.2. Fundamentação Científica e Pedagógica da Unidade Curricular: Projecto de Desenvolvimento Pessoal

O Projecto de Desenvolvimento Pessoal, enquanto unidade curricular, fundamenta-se na pedagogia reflexiva e experiencial, nos pressupostos da aprendizagem autodirigida, na didáctica criativa e no método prospectivo de desenvolvimento de projectos. O Método de Projectos consiste em levar o educando, individualmente ou em grupo, a projectar algo de concreto e a executá-lo. Deve-se o método de projectos a W. I. Kirkpatrick, que, em 1918, aproveitando-se da análise de pensamento feita por John Dewey, imaginou uma forma concreta de ensinar.

Trabalhar em metodologia de projecto implica um desafio na mentalidade dos agentes educativos, nos processos pedagógicos e didácticos e na natureza dos recursos a mobilizar. Embora se observem diferenças nos modelos ou nas estratégias de implementação, a linha de

orientação comum põe em relevo a necessidade de estabelecer pontes de ligação entre o percurso académico e o profissional. O sentido de orientação para a experiência prática, com base no esforço autodirigido dos formandos, ainda que mediado pelo professor, é condição fundamental. Encontramos um exemplo de projectos de inovação na Universidade de Educação de Aalborg, descritos por Kjersdam e Enemark (1994, pág. 22), visando pressupostos de “learning by doing” ou “action learning”. O trabalho projecto apresenta duas tipologias: “the design oriented” e “the problem-oriented”. São permitidos percursos individuais, embora o mais comum sejam os pequenos grupos de cerca de quatro estudantes. O perfil e as qualidades do “supervisor” são importantes, sobretudo no que diz respeito à prontidão, disposição e habilidade para aclarar e envolver o formando. Na área da saúde, estão também a desenhar-se esforços de mudança, como o caso da Universiteit Maastricht (2001), com um novo curriculum de formação médica, que abandona o método clássico das disciplinas e enfatiza a aprendizagem por áreas, seguindo a metodologia de projecto tutorada, centrada na prática, no paciente e na resolução de problemas.

O Projecto de Desenvolvimento Pessoal deve assentar numa filosofia construtiva, permitindo gerar um contexto de aprendizagem de facilitação do desenvolvimento integral da pessoa do estudante, no plano afectivo, fisiológico, social, espiritual, intelectual e material, numa perspectiva de transferência de competências, para o desempenho profissional futuro.

A professores e alunos é exigida uma atitude de mudança no processo de aprendizagem:

De...	Para...
Aptidão para agir num meio estável e bem definido	Aptidão para agir num ambiente pouco definido e em permanente evolução
Capacidade para manusear processos repetitivos, directos e concretos	Capacidade de manusear processos de trabalho abstractos e sem rotinas
Aptidão para agir num ambiente de trabalho fiscalizado	Aptidão para tomar decisões e responsabilidades
Trabalho isolado	Trabalho de grupo e interactivo
Aptidão para agir com um horizonte temporal e geográfico restrito	Visão global dos sistemas, aptidão para agir num horizonte temporal e geográfico aberto

De concepção contrária ao modelo técnico-racionalista de paradigma positivista, o modelo hermenêutico-fenomenológico conduz à concepção de projectos de formação construtivista. As teorias humanistas jogam um papel fundamental, na construção do saber, numa perspectiva construtiva e desenvolvimentista:

- uma atitude de reciprocidade.
- esforço de co-construção.
- compreensão empática.
- capacidade de escuta activa.
- capacidade de negociação (contrato de aprendizagem).
- regulação do processo.

Os objectivos são definidos de *forma expressiva* e não taxionómica, permitindo flexibilidade no desenvolvimento estratégico:

- a) ajudar o educando a ser actor da sua própria pesquisa, passando por uma situação autêntica de vivência e experiência.
- b) desenvolver a atitude experiencial, capacidade de aclarar e desenvolver áreas de interesse prático, nas quais se envolve⁽¹⁾. A eficácia dos programas educativos está dependente da sua capacidade para promover o envolvimento do aluno.
- c) tornar efectivas as experiências de aprendizagem, através de ligações à prática, formulando propósitos numa perspectiva de mudança.
- d) estimular o pensamento criativo e a capacidade de gerar instrumentos e materiais de utilidade pedagógica e científica.
- e) promover contextos de reciprocidade como parte integrante da prática pedagógica.
- f) estimular a iniciativa, a autoconfiança e o sentido de responsabilidade.

(1) LAEVERS, F. (1995). The concept of involvement and the Leuven involvement scale.

ASTIN (1975, 1977) - Theory of involvement. (students learn by becoming involved).

O conceito de desenvolvimento experiencial decorre das experiências formadoras que o indivíduo realiza, nos vários domínios da sua vida, a nível individual e relacional, na procura do encontro consigo mesmo, com os outros e com os acontecimentos. Com esta perspectiva concordam diferentes autores, como seja: Dewey, Lewin, Rogers, Kolb, Jarvis, Mezirow, Freire e ainda autores de relevo na metodologia da investigação-acção, entre os quais, Elliot e Barbier. Na perspectiva de KOLB (1984), a aprendizagem experiencial integra duas dimensões indissociáveis: apreensão da experiência e a transformação da mesma. O ensino activo deve estimular nos formandos a sua capacidade de projecção futura, bem como facilitar a transformação da sua relação com o mundo (VASSILEF, 1997). Motivos e metas definem o sentido do projecto. As metas orientam o projecto prospectivamente, enquanto acto educativo de descoberta libertativo, numa perspectiva experiencial.

1.3. Concepção de um Modelo Aplicado à Formação de Enfermeiros

O maior problema que se levanta ao desenvolvimento de qualquer estratégia inovadora está relacionado com a concretização dos pressupostos aceites como válidos pela comunidade científica, numa mudança efectiva na prática.

Numa perspectiva inovadora da formação de futuros enfermeiros, com base na fundamentação científica e na experiência pedagógica pessoal, desenhamos um modelo de actuação em duas fases distintas que, se devem completar entre si: *fase de análise reflexiva e fase de desenvolvimento experiencial*.

De seguida, ao mesmo tempo que se descreve a organização funcional do Modelo, procuramos colocar a ênfase na dinâmica pedagógica e didáctica que, permite o desenvolvimento metodológico. São introduzidas inclusivamente, algumas reflexões, de modo a permitir avaliar vantagens e dificuldades inerentes à unidade de projecto, na perspectiva de professores e alunos envolvidos.

1.3.1 - O Primeiro Ano

A - FASE DE ANÁLISE REFLEXIVA. Criar condições para a emergência do projecto.

Os estudantes são convidados a exprimir os seus desejos e valores, a identificar os seus pontos fortes, fracos, resistências e oportunidades, a partir dos seus antecedentes, a conhecerem-se melhor como pessoas e a partilharem conhecimentos e experiências com os outros. A emergência do projecto deriva da dialéctica reflexão/acção.

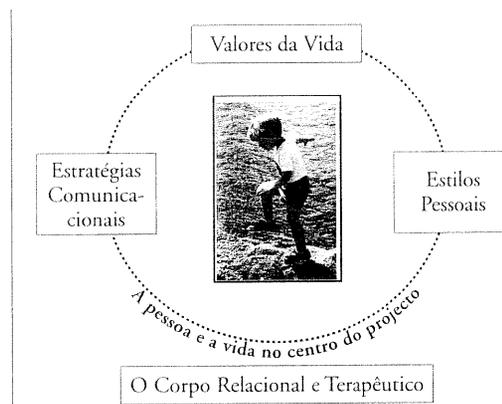


Figura 1 – Representação Esquemática do Modelo.

Metodologia de acção:

Análise reflexiva no 1º ano, centra-se em quatro grandes dimensões teórico-práticas:

A pessoa assume um papel central na prática de cuidados. Os enfermeiros “são gente que cuida de gente” e, numa perspectiva de cuidar do outro, devem antes de tudo saber cuidar de si próprio. Este facto conduz à necessidade de desenvolver nos estudantes de enfermagem competências de autoconhecimento e autoconsciência, requisito prévio necessário ao desenvolvimento pessoal integrador e, mais tarde, na vida profissional, à capacidade de construção motivada dum projecto de desenvolvimento profissional.

Neste sentido, o curso inicia-se pelo desenvolvimento reflexivo, em quatro grandes dimensões teórico-práticas, que se complementam entre si, para um enriquecimento da “pedagogia do eu”, “do eu e o outro”, alimentando-se na transversalidade do currículo e sobretudo tendo em mira a prática efectiva de cuidados de enfermagem.

- *O corpo relacional e terapêutico.* Admitindo que o corpo do enfermeiro, em si, é uma das mais poderosas ferramentas terapêuticas. Os conceitos de pessoa, corpo, holismo, cuidar, são analisados na intersecção significativa das trocas dinâmicas entre a pessoa que cuida e a que necessita de cuidados.
- *Os valores.* Os valores da vida, os valores do trabalho e da profissão, a partir dum modelo de análise transdisciplinar reflexivo, de modo a que cada formando se confronte com situações socialmente significativas e as analise tendo em conta um quadro de valores, de preferência, referência, dominantes, marginais etc..
- *Os seus estilos pessoais.* Ser, estar, aprender, relacionar-se e decidir
- *As suas estratégias comunicacionais,* na relação íntima com a pessoa em sofrimento.

Estratégias didácticas:

- Debates em sala de aula a partir de exemplos e imagens referentes a situações que se projectam para a realidade da prática de cuidados e despertam a atenção e a reflexão significativa sobre a pessoa em busca do equilíbrio de saúde.
- Trabalho prático envolvendo o corpo e o sentido de relação, por forma a que os estudantes tomem consciência do seu próprio potencial de criação de contextos terapêuticos
- Análise em grupo com base em grelhas, que servem de guião ao trabalho de reflexão.
- Gerar contextos de partilha de conhecimentos e experiências entre grupos.

B - DESENVOLVIMENTO EXPERIENCIAL:

O estudante, com a mediação do professor, deve assumir o *espaço – tempo* de formação e experimentar uma situação *autêntica*. O estudante procura uma área de interesse que deseja explorar, tendo por base o trabalho de análise reflexiva.

No 1º ano, inicia-se a caminhada de aprendizagem experiencial, propedêutica apoiada, em assessoria pedagógica, de modo a familiarizar os estudantes com estas metodologias. É importante

estimular o estudante a buscar saberes, aproximando-se da experiência de pessoas e dos seus contextos de acção, com base na comunicação e na observação. À medida que as oportunidades experienciais se desenvolvem, o formando integra competências de conceptualização, reflexão crítica e criativa.

Metodologia de acção:

- O formando procura uma área de interesse, que deseja explorar com sentido prospectivo.
- Elabora um Plano Experiencial, tendo por base objectivos expressivos e metas almejavéis. Este plano, elaborado com antecedência, permite ao professor uma preparação de recursos necessários ao percurso experiencial. A ideia é criar condições prévias para que os estudantes, no seu percurso experiencial sejam bem acolhidos por profissionais de referência e se criem as condições para a concretização dos objectivos.
- Aproxima-se das pessoas, dos contextos ou dos fenómenos de forma a concretizar a experiência. A observação e a comunicação são duas ferramentas fundamentais para este exercício prático, de curta duração, realizado no primeiro ano. Um guião de observação e de entrevista ajuda o estudante a autodirigir-se, de forma organizada e intencional.
- Por fim, os estudantes partilham os resultados do percurso experiencial com os colegas. A verdadeira sabedoria emerge da partilha do conhecimento. O verdadeiro conhecimento é interconhecimento (LIPMAN, 1995). É assim fundamental valorizar o espaço tempo em que os alunos são convidados a partilhar em grupo, o resultado dos seus percursos experienciais. Uma experiência contada, explicada, demonstrada, pode ser melhor compreendida que apenas apresentada sob a forma de relato.
- Um painel, comunicações livres e posters, a efectuar pelos alunos no final do ano lectivo, permite a apresentar a uma população escolar mais vasta, as diferentes realizações práticas.

– No seu percurso, os estudantes são apoiados pelo professor assessor que deve assumir um papel de facilitação, ajuda e verificação, e nunca, uma atitude inquisitiva ou correctiva. A figura do professor assessor é fulcral para o êxito do processo e exige qualidades específicas (atitude de reciprocidade, espírito de inovação e criatividade, capacidade de co-construção e compreensão empática, capacidade de negociação e de regulação de processos). Se o aluno não reconhecer no professor competência e respeito, jamais estabelecerá uma relação de confiança autêntica.

Apresentamos no *apêndice A* um estrutura simplificada do (Projecto Experiencial), para guia e orientação dos estudantes. De forma simples e prática, o estudante indica a área de interesse experiencial que deseja desenvolver, define objectivos expressivos e os locais ou contextos de realização. O projecto experiencial é um trabalho de antecipação, que facilita o planeamento atempado das visitas aos locais onde é possível concretizar os objectivos.

C - AVALIAÇÃO

A avaliação é sempre uma questão importante e deve sobretudo visar um incentivo ao percurso do estudante. Mais do que corrigir, ao professor compete apreciar, compreender, orientar e incentivar. Porém, o trabalho desenvolvido pelos estudantes gera elementos de prova que precisam de ser validados pelo professor, funcionando em si como elemento regulador e de incentivo.

Elementos que servem de base de prova e validação do percurso do aluno no 1º ano:

1º - AS SÍNTESES COMPREENSIVAS: Do trabalho desenvolvido nestas quatro dimensões deve resultar um conjunto de *sínteses compreensivas*, as quais integram o portfólio e são reveladoras do empenhamento e da participação activa do estudante e da sua competência de análise crítica, servindo de prova, a considerar para a avaliação.

O que é uma síntese compreensiva?

Como o próprio nome indica, uma síntese compreensiva deve ser suficientemente representativa do desenvolvimento teórico-prático, integrando com a necessária pertinência e exaustividade os principais contextos reflexivos referentes a cada uma das dimensões teórico-práticas apresentadas.

A seguir apresenta-se uma grelha (Guia de Elaboração duma Síntese Compreensiva). Os itens servem para orientação do estudante no processo de elaboração do texto compreensivo, ao mesmo tempo que podem ser seguidos como referência por parte do professor que verifica e valida as sínteses.

GUIA DE ELABORAÇÃO DUMA SÍNTESE COMPREENSIVA

Itens a observar	Verificação
<p>1º - <i>Apresentação formal cuidada</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Página de rosto</i> com os elementos de identificação: <i>Nome; Turma; título da dimensão teórico-prática que se pretende descrever; local e data.</i> • Estrutura do texto: de forma clara o aluno efectua um texto (até 10 páginas), em linguagem clara <p>2º - <i>Conteúdo</i> da síntese compreensiva: Uma descrição dos aspectos essenciais apresentados e desenvolvidos pelo professor em relação aos assuntos inerentes a cada dimensão teórico-prática.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Nessa descrição, estudante deve integrar o seu próprio ponto de vista pessoal, evidenciando competências reflexivas. • Evidência da confrontação dos próprios pontos de vista com os pontos de vista dos colegas. • Como complemento e para enriquecimento do texto, é conveniente ser visível o recurso a fontes (artigos ou livros), dos quais resultam citações escritas em <i>linguagem científica, de acordo com o guia de elaboração de trabalhos escritos.</i> 	
<p>NB: <i>O objectivo duma síntese compreensiva é permitir ao estudante desenvolver competências de integração de conhecimentos, ao reunir e integrar de forma compreensiva num texto (o ponto de vista do professor, o ponto de vista do estudante confrontado com o ponto de vista dos colegas e ainda os contributos das citações bibliográficas).</i></p>	

2º - APRESENTAÇÕES EM SALA DE AULA: Metodologia de exploração de ideias e perspectivas por diferentes elementos dum grupo, face a um dado tema. Actividades práticas onde os estudantes preparam e partilham saberes de forma expressiva, recorrendo a recursos técnico-educativos.

3º - RELATO DO PERCURSO EXPERIENCIAL: Registo compreensivo das experiências vivenciadas no contexto do percurso experiencial, as quais, posteriormente deverão ser partilhadas em turma.

4º - O PORTFÓLIO (factor de ponderação de avaliação do projecto experiencial): Instrumento de registo criativo do progresso do aluno no desenvolvimento do todo o seu percurso. Em secção própria desenvolvemos mais pormenorizadamente a metodologia do Portfólio ou Porta progresso.

1.3.2. Projecto de Desenvolvimento Pessoal para um Percurso Temporal de Três Anos, a Partir do Segundo Ano

Na fase experiencial do projecto, a partir do 2º ano, os estudantes encontram-se perante a necessidade de decidir sobre áreas de interesse, que se orientam, em termos de, desenvolvimento, para um horizonte temporal de 3 anos. Para esta decisão, contam com o trabalho de análise reflexiva e o percurso experiencial do 1º ano.

A partir do segundo ano, devem ser criadas condições para uma melhor representação do futuro (“ver mais longe”):

- Sentimento subjectivo de um acordo consigo mesmo.
- Expressão pessoal do desejo.
- Demonstração de competências de auto-direcção. O formando deve apropriar-se do espaço/tempo de formação. Gerir um processo de procura da autenticidade e da autonomização.
- Promoção da atitude experiencial. Implicação e envolvimento sócio-emocional. Adquirindo confiança e demonstrando poder de adaptação à mudança e à inovação.

Metodologia de acção:

1º - Avaliação Retrospectiva do Projecto Experiencial:

O que ficou de significativo do 1º ano, que mereça ser continuado.

2º - Análise Reflexiva sobre uma área de interesse a desenvolver, de acordo com condições específicas:

- a) Resultar da Motivação Pessoal.
- b) Poder fundamentar-se nos contributos transversais do curriculum.

- c) Orientar-se para acção, ou seja, permitir o envolvimento com pessoas, recursos, técnicas, contextos, experiências ou iniciativas de natureza prática.
- d) Revelar interesse pessoal, social e profissional.
- e) Ser exequível de acordo com recursos objectivos: tempo disponível, gastos, pressupostos éticos, interesse local.
- f) Apoiar-se em metodologia científica.
- g) Permitir uma aproximação por interesses a projectos afins.

3º - Contrato de desenvolvimento do Projecto, entre Professor Assessor e Formando, definindo claramente:

- a) A área de interesse a desenvolver num percurso temporal longo.
- b) As metas gerais a almejar em cada ano em função do tempo curricular disponível.
- c) A metodologia que orienta a acção.
- d) O modo de prova e avaliação do percurso.

4º - Desenvolvimento Experiencial, assente em duas linhas fundamentais (*fundamentação científica e percurso experiencial*):

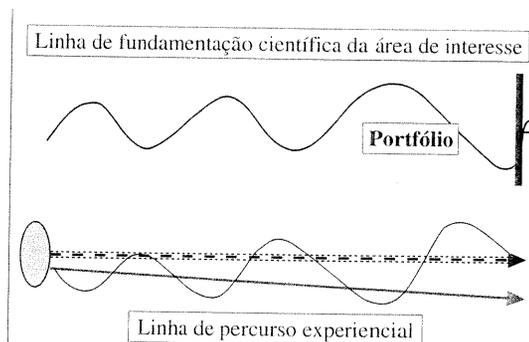


Figura 2 – Representação esquemática do modelo de desenvolvimento.

5º - Avaliação / validação:

- a) Verificação do material científico inerente à área de interesse, organizado em discurso científico.
- b) Discussão dos elementos de prova em “Elementos de Auto Registo” (ver apêndice B).
- c) Verificação do registo compreensivo do Percurso Experiencial e dos elementos de prova em Portfólio.

d) Verificação das orientações futuras em termos de previsibilidade da continuidade do projecto, definidas por cada estudante.

A partir do segundo ano, o estudante, com mais autonomia, aprende a seleccionar ao longo do seu percurso prático as experiências mais significativas, abrindo caminho à valorização de temáticas e à construção de problemáticas. Só podemos fazer uma boa escolha, se tivermos várias possibilidades de escolha. O desenvolvimento experiencial ao compreender contextos diversificados de aprendizagem, numa perspectiva fenomenológica, pode efectivamente abrir os campos de escolha ao formando. Entre a experiência do Projecto de Desenvolvimento Pessoal e a previsibilidade futura de um Projecto Profissional devem estabelecer-se linhas de continuidade, dando sentido ao percurso de vida. Esta ponte será tanto mais eficaz, quanto a riqueza do percurso experiencial do formando, a sua capacidade de compreender conceitos em diferentes níveis de progressão, o seu nível de aquisição de competências de transposição didáctica, da conceptualização teórica para a operacionalização prática. Rede, complexidade, transferência, estruturação, cadeia, progressão, recontextualização, metacognição resultam dum desenvolvimento próprio daquele que consegue ser actor das suas próprias pesquisas.

No terceiro ano são disponibilizadas 30 horas curriculares para continuar o Percurso Experiencial. O currículo, fortemente centrado no ensino clínico, pode oferecer condições de aprendizagem, de grande mais valia, para o enriquecimento do percurso experiencial do estudante. Cada estudante procura seleccionar casos em contexto prático que, de algum modo, representem uma relação importante com a área de interesse seleccionada no 2º ano, com vista ao enriquecimento pessoal nessa dimensão.

Em termos metodológicos, compete ao estudante e ao professor assessor pedagógico elaborar um contrato pedagógico de forma a que o aluno possa desenvolver um plano ajustado ao percurso mais oportuno e pertinente do ensino clínico.

As metas fundamentais para o 3º ano são:

a) Identificar casos de natureza prática significativamente relacionados com a área de interesse que estão a desenvolver, os quais

devem emergir da vivência experiencial do estudante durante a aprendizagem clínica.

b) Esse caso ou situação prática deve ser caracterizado, justificado na sua pertinência e verificado temporalmente ao longo dum período de tempo concreto.

c) Os resultados da verificação e estudo desse caso deve ser e apresentado sob a forma de material pedagógico, rigoroso do ponto de vista metodológico (texto, vídeo, disco, ou outra versão que, revele criatividade e utilidade).

d) A apresentação e partilha com os colegas do material produzido serão efectuadas em data definida no contrato de aprendizagem

e) O material pedagógico integra o Portfólio como uma evidência do percurso pessoal do estudante.

f) A avaliação é feita tendo em conta diferentes aspectos:

- o cumprimento por parte do formando das diferentes fases do contrato pedagógico
- a pertinência da situação ou caso identificado
- o rigor, criatividade e utilidade do material pedagógico conseguido
- a qualidade da apresentação e partilha

O quarto ano é dedicado a trabalho de organização pessoal, «retrospectiva» sobre Portfólio e apresentação final num Fórum de Projectos, onde deve ser visível algum sentido de orientação prospectiva em termos de projecto profissional.

DIFICULDADES A CONSIDERAR NA METODOLOGIA DE PROJECTO

É impressionante a alegria que a maioria dos alunos descobre na aprendizagem autodirigida (e com os resultados que se alcançam), o que faz com que valha a pena o esforço, refere KNOWLES (1986). Esta constatação de KNOWLES por certo que resultou de muitos anos de trabalho, flexibilidade estratégica e esforço de criação de sentido. Constatamos no entanto que, muitos alunos, ao terem que decidir sobre áreas de interesse e enfrentar o desafio de construção de saber, se vêem

numa situação de grande hesitação e insegurança, uma vez que os métodos educativos clássicos enfatizaram especialmente a capacidade de reprodução de saberes. Consideramos, apesar de tudo, que esta é uma situação compreensível, tendo em conta os estilos pessoais de cada pessoa. “A forma como os jovens estão (ou não) orientados para a realização de objectivos situados num futuro mais ou menos próximo ajudará, certamente, a explicar as reacções aos problemas que enfrentam no presente” (DETRY, 1997, pág. 114). Em consequência da dificuldade de escolha e decisão, observa-se que alguns estudantes se escudam dentro das mesmas áreas de interesse, com prejuízo para diversidade de alternativas que devem caracterizar as escolhas pessoais. No entanto, após um período de sensação de bloqueio, dúvida, sentimento de incapacidade, alguma percepção de inutilidade, ou mesmo até alguma resposta de aversão ao método por parte dos estudantes, segue-se um percurso empenhado e auto-determinado. Torna-se imprescindível nestes momentos o papel de ajuda do professor que, com base na sua experiência pessoal e profissional, sem ser determinante, evitando uma atitude demasiado interpretativa ou orientativa, ajuda a abrir alternativas de escolha.

Projectar-se para um plano temporal muito longo é também uma dificuldade inicial. A dúvida só é ultrapassada quando o estudante percebe a diferença entre desenvolver experiencialmente uma área de interesse ou estudar um tema. Uma área de interesse envolve um campo de acção não rigidamente delimitado, onde se cruzam saberes transversais, que estimulam o desejo de saber, estar e fazer. O desenvolvimento experiencial numa área de interesse é um processo que visa tornar mais compreensível realidades significativas, sendo que o percurso encerra alguma imprevisibilidade, que em si é condição para uma atitude de busca e exploração fenomenológica. A melhor escolha só é possível quando temos muitas possibilidades de escolha. É necessário promover a capacidade de resistência ao fecho. Entendendo erradamente o projecto como uma tarefa a concluir com a maior brevidade demonstra uma interiorização errada da metodologia e manifesta-se pela tendência a fechar

precocemente o projecto, como um produto final, sem experienciar um percurso. Aprender a estar em projecto significa valorizar o processo e o contexto mais que o resultado, de forma a apreender as vantagens dos contributos transversais do currículo ao longo de quatro anos. São precisamente os contributos transversais, derivados das diferentes disciplinas, que devem ajudar a ampliar as oportunidades de escolha. Neste sentido, o percurso experiencial tende a ser um processo divergente e lateral durante o segundo ano e, progressivamente, convergir para um maior nível de especificidade.

2. Programa para o Curso de Complemento de Formação e Formação Complementar

NUMA PERSPECTIVA ANDRAGÓGICA, o projecto pessoal deve passar por uma interpretação da experiência, ao nível do confronto com:

- a rotina
- o sentido da profissão
- as condições de trabalho
- a profissionalidade em construção. Fazer bem as coisas, mas sobretudo saber porque se fazem bem as coisas. Saber quais são os fundamentos teóricos que suportam as próprias actividades, quais as estruturas lógicas e esquemas de acção que se mobilizam em cada momento da prática, sempre que se defronta com uma situação diversa.

De acordo com DOMINICÉ *et al.* (2000), a experiência pode tornar mais fácil a formação, mas não a substitui. Não equivale à formação, a não ser na medida em que ela se revelou significativa e pode ser explicada.

a) Avaliação reflexiva

Análise e interpretação presente e retrospectiva de experiências significativas

- Na dimensão dos valores.
- Na dimensão do desenvolvimento pessoal e social.
- Na dimensão do contributo para a construção da profissionalidade.

b) Desenvolvimento experiencial

- Identificação de área de interesse pessoal e profissional numa perspectiva de futuro.
- Desenvolvimento experiencial de área de interesse.
- Interexperienciação (partilha) de resultados experienciais.

• **Portfólio de reflexões e experiências**

Guião metodológico de acção:

A – Análise reflexiva:

1 – Metodologia das histórias de vida:

Os saberes não são por si só importantes, tem a ver com a história de cada um. Quando alguém produz conhecimento, ele resulta de algo que é importante para si.

2 – Auto-análise relacionada com o processo de formação e a profissão:

- O que é que eu mais aprecio na prática de enfermagem?
- Que coisas, acontecimentos ou actividades me proporcionam a sensação de que merece realmente a pena exercer a profissão?
- Como posso qualificar a experiências vivenciadas no contacto com a prática de enfermagem? (embalantes, ricas, pobres, aceitáveis, frustrantes, diversificadas, valorizantes, aborrecidas, estimulantes, ternas, desmoralizantes ou desconcertantes)
- O que é que fiz no sentido do meu próprio desenvolvimento e aprendizagem?
- O que é que eu domino realmente e que aptidões desenvolvi até chegar a este momento?

3 – Análise das possibilidades de realização e aprendizagem ao longo do curso:

- pontos fracos
- resistências
- oportunidades
- pontos fortes

4 – Análise das relações com os valores dominantes:

Verificar em que valores dominantes se inspiram algumas práticas quotidianas (*exemplos do trabalho, da família, da formação etc...*)

- Existe relação entre a minha filosofia de vida, os meus valores de preferência, a minha relação com os outros e os valores dominantes?
- Sou uma pessoa que se adapta ou se molda aos valores dominantes?
- Os valores dominantes são para mim fonte de tensão?
- Existe coerência entre práticas anunciadas e práticas observadas?
- 5 – Análise do mapa de relações:
 - Quais as pessoas que mais tem influenciado a minha história de vida?
 - No desenvolvimento afectivo e intelectual
 - Na vida de formando
 - Quais os contextos formativos que mais me marcaram?

B – Desenvolvimento Experiencial

Análise prospectiva:

- Quais as minhas ideias e desejos futuros? O que deveria converter agora em projecto?
 - na formação
 - no desempenho profissional
 - numa perspectiva pessoal e social

Área de interesse Experiencial:

- análise de possibilidades de realização:
 - pontos fracos
 - resistências
 - oportunidades
 - pontos fortes
- seleccionar
- planificar
- aplicar
- partilhar

ALGUNS CONCEITOS UTILIZADOS NA METODOLOGIA DO PROJECTO DE DESENVOLVIMENTO PESSOAL

PROJECTO PESSOAL (REGRA MÁXIMA): *MAIS IMPORTANTE QUE FAZER UM PROJECTO, É APRENDER A “ESTAR EM PROJECTO”*, na justa medida em que nos auto-observamos e renovamos a cada momento. Mais do que desenvolver conhecimentos, é importante envolver, todo o ser afectivo e cognitivo na busca

de novas interpretações de realidades que, nos afectam enquanto pessoas.

ANÁLISE REFLEXIVA: Significa que o formando inicia o seu percurso, efectuando uma análise reflexiva de dimensões teórico-prática pertinentes, numa perspectiva de desenvolvimento pessoal, social e profissional. A acção pedagógica deve promover o pensamento divergente e o pensamento crítico.

ÁREA DE INTERESSE: Na linguagem de projecto de desenvolvimento pessoal, *uma área de interesse não se confunde com um tema*, envolve um campo de acção não rigidamente delimitado, onde se cruzam saberes transversais, que estimulam o desejo de saber, estar e fazer. O desenvolvimento experiencial numa área de interesse, é um processo que visa tornar mais compreensível um fenómeno ou fenómenos motivantes, sendo que o percurso encerra alguma imprevisibilidade, que em si é condição para uma atitude de busca e exploração fenomenológica.

DESENVOLVIMENTO EXPERIENCIAL: experienciar uma área de interesse, significa seleccionar aclarar e desenvolver essa área, seguindo uma metodologia naturalista, hermenêutica e fenomenológica, procurando não apenas conhecer melhor, mas sobretudo, conseguir envolvimento emocional e axiológico, através da promoção da **ATITUDE EXPERIENCIAL**. A escolha numa área experiencial implica um trabalho reflectido e crítico de modo a que essa área seja intrinsecamente significativa e possa projectar-se numa perspectiva de desenvolvimento futuro. Capacidade de envolvimento cognitivo e emocional, através da expressão pessoal de desejo de descobrir, construir e criar.

ASSESSORIA PEDAGÓGICA: Significa que o desenvolvimento do formando depende do seu esforço de autodirecção, mas, sempre acompanhado de forma personalizada por um professor, em função dum contrato de facilitação e ajuda, instituído entre ambos. O processo de mudança dum indivíduo beneficia do trabalho de mediação intencional doutro indivíduo mais experiente e que se revele merecedor da sua confiança.

AUTODIRECÇÃO: Competência de auto-gestão da aprendizagem, definição de metas e percursos de trabalho auto-determinados, com base na curiosidade intelectual, auto-confiança e desejo de saber.

INTERDISCIPLINARIDADE: Significa que as áreas de interesse podem derivar do contributo de diferentes disciplinas do currículo. Esta perspectiva pode introduzir novas formas de diálogo entre professores e descobrir diferentes formas de coerência interna no currículo.

TRANSDISCIPLINARIDADE: Significa que o formando procura diferentes áreas de interesse, técnico, científico, social, cultural, ético e moral, com uma dimensão que transvasa o próprio currículo escolar.

3. O Portfólio no contexto do projecto de desenvolvimento pessoal

Ana Albuquerque^{a)}

O portfólio: o que é, os objectivos, finalidades e elaboração – para os estudantes e profissionais em geral

O Portfólio é um documento que serve para fazer o reconhecimento dos saberes adquiridos ao longo da sua vida.

Pode questionar-se para quê realizar um Portfólio?

Para além de ser muito útil na elaboração do Curriculum Vitae, é fundamental para validação das competências.

O Portfólio pode permitir enfrentar um processo de candidatura para um possível emprego, suportado em documentos que transmitem uma imagem mais completa do profissional, à entidade empregadora.

Além disso, pode permitir que mais tarde se recordem e revejam algumas das cenas da vida, que serão testemunhas do crescimento pessoal.

Principais objectivos:

- Ser um documento de auto-avaliação.
- Ser um documento de auto-orientação.
- Fazer um inventário, através de um documento escrito, das experiências e competências adquiridas.

O Portfólio pode ser elaborado, considerando diferentes fins:

^{a)} Professora Coordenadora da Escola Superior de Enfermagem de Bissaya Barreto.

A. *Obtenção de Reconhecimento Pessoal* – em que o objectivo é tomar consciência das capacidades, permitir a consciencialização do seu próprio valor, uma espécie de autobiografia. Deste modo, está a fazer-se uma auto-avaliação, que pode servir para definir uma orientação dos projectos de vida, como é o caso da procura de emprego ou da escolha de um curso de formação, ou uma linha de orientação para o desenvolvimento do seu projecto profissional(e ou pessoal).

B. *Obtenção de Validação Profissional* – quando se pretende fazer a gestão de carreira, quando se está a candidatar a um concurso, quando está à procura de emprego, etc., e se pretende demonstrar que se possui determinadas competências relativamente a cada função.

Elaboração do portfólio

A tarefa de elaboração do Portfólio obedece a que se disponibilize algum tempo para a mesma, dado que deverá fazer-se por fases e de forma reflectida.

Assim, deve ter-se em conta os seguintes aspectos:

1. *Fase da preparação* – nesta fase, está no campo da definição do objectivo com que se vai elaborar o Portfólio, pelo que deverão considerar aspectos diferentes em função do mesmo.

Se o objectivo é a obtenção de reconhecimento pessoal, o Portfólio é útil para:

- Elaborar uma listagem de todas as experiências (profissionais; sociais e pessoais) que se viveu até então.
- Para fazer uma colectânea de todos os documentos comprovativos das mesmas.
- Situar bem essas aprendizagens, de modo a poder tomá-las como “créditos” para a valorização pessoal.

Se o objectivo é a validação profissional, o Portfólio é útil para:

- Reflectir sobre todas as aptidões e competências que podem ser transferíveis e úteis na procura de emprego.

- Fazer uma avaliação das aprendizagens realizadas durante o tempo em que se exerceram diferentes funções.

2. *Fase de identificação e compilação de dados fundamentais, que permitam fazer o “mapa da vida”* – nesta fase, pretende-se que se faça uma reflexão cuidada sobre as experiências passadas e que tal seja feito de modo objectivo.

Como fazê-lo:

- Situação temporal – situar as experiências identificadas numa data exacta: indicando o ano e o mês em que as mesmas ocorreram.
- Referir a duração – é importante salientar durante quanto tempo decorreram as experiências: anos; meses; horas ou dias. Salientar ainda se foram experiências profissionais e as características (por exemplo, o regime: “part-time” ou “full time”).
- Contexto onde ocorreram as experiências – referir a que nível é que se passaram: pessoal, familiar, social, profissional. (Por exemplo: imagine que participou numa causa voluntária num lar de terceira idade, refira o que fazia exactamente e como fazia).

Quando terminar este processo, já se deverá estar na posse do reconhecimento das “mais valias” que se foram adquirindo ao longo da vida e que se traduzem por toda uma série de aprendizagens.

3. *Fase da inventariação das aquisições/aprendizagens realizadas* – nesta fase pretende-se que se identifiquem e auto-avaliem as aprendizagens que emergiram das experiências vividas.

Identificação através da elaboração de uma listagem das aprendizagens.

Considerando os vários contextos:

- *Contexto social* – que facilita a aquisição de competências fundamentais nos dias de hoje, como é o caso das competências de relacionamento interpessoal.
- *Contexto físico ou manual* – que facilita a aquisição de competências de ordem manual (destreza, agilidade,...) e de resistência física,...

- *Contexto intelectual* – que facilita a aquisição de conhecimentos em termos de capacidade de análise, de síntese e espírito criativo.

Auto-avaliação

Sendo o seu “próprio juiz” e identificando pontos fortes e pontos fracos em si próprio.

Auto-avaliando-se quanto à possibilidade de transferência e aplicabilidade das aprendizagens, tendo em conta a seguinte categorização:

- Aprendizagens susceptíveis de serem transferidas para outros contextos diferentes daqueles onde estas ocorreram.
- Aprendizagens que se enquadram ao nível das competências de apoio e de colaboração com outras pessoas.
- Aprendizagens susceptíveis de serem utilizadas autonomamente.

Torna-se imprescindível que se tenha bem em mente o objectivo que conduz à elaboração do Portfólio:

Se é apenas a obtenção de reconhecimento pessoal, deve parar-se por aqui!

Se é a obtenção de reconhecimento profissional, devem considerar-se ainda, mais duas fases a considerar:

4. *Fase em que se convertem as aprendizagens* – nesta fase deve considerar-se aquilo que deverá fazer-se no sentido de operacionalizar o objectivo estabelecido na fase de preparação. (Exemplo: se pretende fazer uma candidatura a um concurso público, deverá informar-se devidamente acerca de toda a formalização do mesmo: datas de apresentação da candidatura; modo de apresentação; documentos necessários, a quem dirigi-la, etc.).

5. *Fase da aplicação do Portfólio* – Este é o momento de se dar uso ao Portfólio. Nesta altura, o Portfólio deve evidenciar mesmo as competências da pessoa!

O Portfólio é um documento dinâmico, reflecte a experiência de vida, que não é estática, e por esta razão, deverá ser revisto com alguma frequência!

Exemplos de itens que podem ser incluídos em Portfólios, para os estudantes, em especial:

Em todos os níveis de proficiência, no início de cada Portfólio deve incluir-se uma exposição introdutória, preparada pelo estudante, identificando o valor e a razão, o motivo que leva à selecção de cada item.

Os itens a serem incluídos no Portfólio variarão, dependendo do objectivo do mesmo, o nível de proficiência dos estudantes, a profundidade de auto-reflexão, a aplicabilidade das experiências anteriores, bem como a criatividade no processo de desenvolvimento do Portfólio.

A evidência de pensamento crítico pode incluir actividades tais como a elaboração de documentos demonstrando uma tomada de decisão clínica, casos de estudo e diários de auto-reflexão e registos escritos auto – reflexivos.

Os exemplos relacionados com as capacidades de comunicação podem incluir documentação gravada em vídeo e em áudio, de entrevistas ou de interacções estudante – utente, relatórios escritos e apresentações orais.

As intervenções terapêuticas em enfermagem são a demonstração de intervenções baseadas na teoria, incluindo terapêuticas baseadas em habilidades psicomotoras e psicossociais que podem envolver várias populações. As listas de verificação de capacidades, verificações de proficiência em laboratório, transcrições de conversações terapêuticas, e avaliações clínicas, são exemplos de documentação de competência a nível das capacidades dos estudantes.

Como exemplos de desenvolvimento pessoal, é desejável a integração de documentos relacionados com a formação informal ou formal, podendo esta consistir de documentação sobre qualquer trabalho de um curso anterior, escrevendo uma reflexão sobre o valor que essa participação teve, de documentação sobre a coordenação ou participação em actividades tais como feiras de saúde, cursos de educação para a saúde na comunidade, ensino individualizado a cada doente(utente), educação contínua e fixação de metas pessoais. O Portfólio, como método de auto-reflexão, torna-se uma forma de avaliar a satisfação e a auto-valorização.

– O *desenvolvimento profissional* demonstra uma variedade de actividades profissionais tais como pesquisa, educação e envolvimento em organizações profissionais. Exemplos de desenvolvimento profissional incluem a documentação sobre a apreciação e confirmação feita por professores, por colegas ou pelos empregadores, os textos de auto-reflexão, a análise ou leitura anotada de textos ou artigos.

– O *desenvolvimento académico-científico* é definido como a aplicação e disseminação de conhecimento através de apresentações, publicações e produção de tecnologia. Itens que avaliam o desenvolvimento académico-científico podem ser registos de incidentes críticos, a integração de conhecimento em estudo de casos e em apresentações em salas de aula, bem como relatórios de participação em actividades de pesquisa.

4. Assessoria pedagógica

Condição reguladora do projecto

A possibilidade do aluno assumir nas suas próprias mãos a responsabilidade de “estar em projecto” depende muito da pessoa do professor, do seu investimento e habilidade pedagógica. A assessoria pedagógica assenta na relação de ajuda, sendo assim entendida como condição necessária do projecto. Os alunos descrevem-na como um elemento fundamental para superar dificuldades da pedagogia autodirigida. VIGOTSKY (1989) evidenciou o papel do educador mediador, que ajuda a percorrer um espaço “proximal”, entre o que o aluno realmente realiza sem ajuda e o que potencialmente pode realizar com ajuda. A teoria da mediação de VIGOTSKY salienta que o professor mediador não pretende senão transmitir informação de forma transcendente e significativa, visando transformar os pré-requisitos cognitivos do aluno, proporcionando-lhe experiências que requerem o uso de ferramentas que permitem lidar com a informação de forma mais integrada e plástica.

Escolbos a evitar

É fundamental o professor assessor não perder em momento algum a confiança que o aluno nele deposita. Qualquer circunstância de descrédito determina bloqueio na comunicação e um conjunto de defesas que impossibilitam um desenvolvimento pessoal autêntico. No contexto duma má relação humana, não há condições para firmar compromissos mútuos. O professor mediador do projecto deve promover a confiança recíproca. Sobretudo, deve evitar subestimar a pessoa do aluno e compreender que, os seus estilos pessoais e valores.

A Assessoria pedagógica vista pelos professores, a partir da sua experiência pessoal

Fernanda Guerra^{b)}

A assessoria em Projecto de Desenvolvimento Pessoal lança ao professor um desafio impar, dado que se trata de um poderoso processo de transformação, que ajuda / estimula o indivíduo a interpretar o seu ambiente pessoal, social e a explorar caminhos alternativos de formas de pensar e agir.

Vários autores apontam para o assessor, o papel de modelador (o que requer arte, criatividade, imaginação, compreensão); o papel de fiador (do que abona em seu favor); consolador (que auxilia nos momentos de desânimo); e ainda de desafiador (o que provoca, o que chama para o combate). Papéis que têm de ser desenvolvidos com habilidade e inteligência de ouvinte.

A função de suporte significa levar o formando à descoberta de si próprio, a apropriar-se do seu próprio espaço / tempo de formação, a desenvolver a sua autonomia, a promover a aquisição de competências comportamentais. Como? Conhecendo o formando no seu contexto; levando-o a reflectir sobre a sua história de vida, ao encontro consigo mesmo; realçando o positivo e promovendo o desejo de estar em projecto. Numa perspectiva de envolvimento emocional e cognitivo, podemos dizer que “a relação é o coração do projecto”.

b) Professora Coordenadora da Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca. Assessoria aos alunos do Ano Complementar de Formação.

A função de mudança, significa convidar o formando a desenvolver o espírito de reflexão e espírito crítico; a ver o mundo sobre novas perspectivas; gerar desafios; explorando caminhos alternativos na análise de fenómenos e problemas. É possível analisar alternativas, formular raciocínios, tomar decisões. O professor motivado e o formando atento, crítico e confiante, em conjunto definem caminhos de mudança, a qual nem sempre é fácil e leva tempo. Porque se trata de um processo e não de um acontecimento, a mudança processa-se de forma gradual. É preciso estarmos conscientes da importância do tempo, particularmente, em termos de disponibilidade para aprender e aderir a novas ideias; reconhecer que o processo de assimilação de novas formas de trabalhar é um processo longo. Daí que os prazos a negociar entre formando e assessor têm que ser realistas, caso contrário podem gerar *stress*, ou reacções negativas ao que se propõe fazer. Donde, não poder ser esquecido o ritmo de cada formando e mesmo o ritmo do professor.

Uma terceira função é promover a imaginação/criação, o que significa ajudar o formando a identificar as suas próprias capacidades de imaginação, a conseguir o diálogo entre o que era antes e o que é agora. Mais importante que o conhecimento é a curiosidade, mais importante que o destino é o percurso onde se dá lugar à mudança.

A linha orientadora da acção de assessoria, passa pela reciprocidade, negociação, desejo, utopia, motivação, num processo progressivo de co-construção na apropriação do projecto, investindo numa pedagogia pela positiva. É possível estabelecer contratos com os alunos, respeitar o ritmo individual, com base na compreensão, tolerância e envolvimento mútuo, o que gera a sensação de bem estar e de realização profissional do próprio professor.

Sentimos que é possível dar ao aluno oportunidade para encontrar o seu próprio espaço pedagógico. Porém, este processo também acarreta riscos, pois lidamos com pessoas com características próprias, num contexto de imprevisibilidade.

Para alguns, é nítida a dificuldade em reflectir sobre o seu próprio percurso, e a projectar-se para o futuro, queixando-se de sobrecarga de trabalhos, da sobreposição de matérias. Estes alunos revelam

manifestações de *stress*, desmotivação e expectativas frustradas. Ao contrário, muitos, escrevem com facilidade sobre as suas experiências de aprendizagem, demonstram saber o que querem e apresentam projectos bem definidos.

Assessoria pedagógica aos alunos, no seu projecto de desenvolvimento pessoal – A Minha Experiência Pessoal

Cândida Maria Magalhães Portelinha^{c)}

Ao longo do primeiro ano quase tudo foi novidade. O aspecto que mais diferenciou esta experiência pessoal prendeu-se essencialmente com o facto de não ter leccionado aulas teóricas e a minha colaboração com o professor responsável da unidade nas aulas teórico práticas ter sido muito limitada.

Na minha opção pela carreira de ensino pesou o meu gosto pessoal por leccionar aulas teóricas e orientação da aprendizagem dos alunos em ensino clínico. Durante este ano algumas vezes questionei-me sobre:

O que fazer?

Como fazer?

E... como deixar fazer?

Para todas as aulas tive necessidade de fazer um plano, o qual o professor responsável da disciplina achava desnecessário. Para mim foi muito útil.

A maior dificuldade sentida foi deixar os alunos entregues a si mesmos, que ao solicitarem algumas ajudas pontuais conseguiram desenvolver os seus trabalhos da área experiencial.

Das apreciações que os alunos fizeram desta unidade curricular na síntese conclusiva é interessante salientar algumas:

- “... cresci não só a nível do conhecimento, mas sobretudo a nível relacional”.
- “Um dos aspectos mais positivos desta unidade era a interacção permanente entre alunos e professores ...”

c) Professora Adjunta da Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca. Assessoria aos alunos do Curso de Complemento de Formação.

- "... da experiência resultou uma enorme gratificação do trabalho executado e vivenciado..."
- "Tenho a dizer que certas opiniões que manifestei não as conhecia em mim..."
- "Achei as sínteses trabalhosas mas interessantes para uma auto-reflexão e análise pessoal dos valores discutidos nas referidas aulas."
- "O método utilizado para dar aulas é também muito motivador".
- "A disciplina de projecto pessoal foi a que melhor nos integrou no Ensino Superior a todos os níveis".
- "... o método de auto aprendizagem é muito construtivo".

Estou convicta de ter contribuído para o desenvolvimento de interesses de pesquisa e de hábitos de trabalho junto deste grupo de alunos. Verifiquei que o empenhamento pessoal destes jovens, aquando da apresentação da área experiencial suplantou as minhas expectativas. Surpreendeu-me também o facto de mais de 2/3 dos alunos da turma ter participado no Painel Final, alguns na organização e os outros na apresentação de posters. Dois ganhando 1º prémio.

Estes jovens estudantes são alunos que eu admirei pela capacidade de trabalho e flexibilidade em contornar projectos e vencer barreiras.

No final do ano, ao fazer o meu próprio balanço desta unidade senti-me enriquecida por nela ter participado.

Bibliografia

ALARCÃO, I. (1997) – Prefácio. In Sá-Chaves (org.) - *Percursos de Formação e desenvolvimento profissional*. Porto: Porto Editora.

ASTIN, A. (1984) – Student involvement: a developmental theory for higher education. *Journal of College Student Personnel*, 25, pp 297-308

BARBIER, J. M. (1991) – *Élaboration de Projets d'actions et planification*. Paris: PUF.

BURNARD, Philip (1995) – *Learning human skills: a experiential and reflexive guide for nurses*. Oxford: Jordan Hill.

CAMPOS, Bárto Paiva (1991) – Educação e desenvolvimento pessoal e social. Porto: Edições Afrontamento.

CASTRO, Lisete Barbosa de; RICARDO, Maria Manuel Calvet (1993) – *Gerir o trabalho de projecto*. Porto: Texto Editora.

De LA TORRE, Saturnino (1995) – *Creatividad aplicada*. Madrid: Editorial Escuela Española.

DETRY, Brigitte; CARDOSO, Ana (1997) – *Construção do futuro e construção do conhecimento*. Lisboa: Textos de Educação, Fundação Calouste Gulbenkian.

DOMINICÉ, Pierre; LAINÉ, Alex (2000) – *Les histoires de vie: théories e pratiques*. Education Permanente. Nº 142

GALBRAITH, Michael W. (1998) – *Facilitating adult learning: a transactional process*. Florida: Krieger.

GIRALDO, Silvio Botero (1994) – *Dinámicas grupales de reflexión*. Colombia: Santafe.

KJERSDAM, Finn; ENEMARK, Stig (1994) – *The Aalborg experiment: Project Innovation in University Education*. Denmark: Aalborg University Press.

KNOWLES, Malcolm S. (1986) – *Using learning contracts*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.

KOLB, D. (1984) – *Experiential Learning. Experience as the source of learning and development*. Englewood Cliffs N. J. Prentice-Hall.

LIPMAN, Mathew (1995) – *O pensar em educação*. Petrópolis: Vozes (Trad. de Ann Mary, do original Inglês: Thinking in Education).

NOT, Louis (1997) – *Où va la pédagogie du project*. 2ª ed. Collection Recherches et pratiques éducatives. Paris.

PAQUETTE, C. (1985) – *Pédagogie ouverte et autodéveloppement*. Québec: Éditions NHP.

PETERS, Tom (1998) – *O círculo da inovação*. Lisboa: Bertrand.

SEQUEIRA, José (s.d.) – *Desenvolvimento pessoal*. Lisboa: Monitor.

UNIVERSITEIT MAASTRICHT (2001) – *New Maastricht Curriculum*. Maastricht: Institute of Medical Education, Faculty of Medicine, U.M.

VASSILEFF, Jean (1997) – *La pédagogie du project en formation*. 4ª ed. Lyon: Chonique Sociale.

VYGOSTKY, L. S. (1989) – *El desarrollo de los procesos psicológicos superiores*. Barcelona: Crítica.

Bibliografia específica sobre portfólio:

BARTON, J., COLLINS, A. (1993) – Portfólios in teacher education. *Journal of Teacher education*, 44, 200-212.

CAYNE, J. V. (1995) – Portfólios: a developmental influence? *Journal of advanced nursing*, vol. 21 nº 2 p. 395-405.

NUNES, Jorge (1999) – Portfólio: uma nova forma de encarar a avaliação?! *Revista Noesis*, n.º 52.

SCHON, D.A. (1983) – *The Reflective Practitioner*. London: Temple Smith.

STOCKHAUSEN, Lynette J. – *O portfólio clínico*. *The Australian Electronic Journal of Nursing Education*. (Tradução de: Ana Albuquerque Queirós)

TAVARES, J. (1999) – Formação do Professor Universitário em Portugal. In *Revista Interuniversitária de Formación del Profesorado*, 34, Abril, 209-218.

Apêndice A – Instrumentos concebidos especificamente para orientação metodológica

PROJECTO EXPERIENCIAL

Licenciatura em Enfermagem: _____

Data: _____

Nomes: _____

Área de interesse experiencial: _____

Objectivos expressivos	Estratégia	Local / Contexto

Apêndice B – Elementos de auto-registo, para uso do estudante durante o Percurso Experiencial

1 – **ÁREA DE INTERESSE EXPERIENCIAL:** _____

2 – **DESENVOLVIMENTO EXPERIENCIAL NO 2º ANO**

2.1 – LINHA DE FUNDAMENTAÇÃO CIENTÍFICA:

- a) Bases de dados pesquisadas:
- b) Artigos recolhidos e analisados:
- c) Livros pesquisados:
- d) Sínteses de comunicações, resumos de jornadas, actas, apontamentos de disciplinas, outras fontes:

2.2 – PERCURSO EXPERIENCIAL:

- a) contactos com especialistas da área:
- b) participações em jornadas, congressos:
- c) comunicações que efectuou ou posters que apresentou:
- d) visitas a instituições:
- e) entrevistas:
- f) observações:
- g) outros percursos de desenvolvimento experiencial seleccionados:

2.3 – ASSESSORIA PEDAGÓGICA:

- a) momentos em que solicitou orientação:
- b) momentos de orientação propostos pelo professor:

3 – **PROSPECTIVA DE COMPROMISSO PARA O ANO SEGUINTE** (tendo em conta a transversalidade curricular)

Apêndice C – Contrato de Aprendizagem (Baseado em Knowles)

Curso: _____ Ano: _____

Data: _____

Nome do Aluno: _____

Nome do Professor: _____

O que se pretende desenvolver: (Metas)	Como se vai desenvolver: (Recursos e estratégias)	Como se vai saber se o desenvolvimento se verificou: (Evidência, prova)	Como se vai provar: (Critérios de verificação)	Data